

ENTRE BIEBERS, ANITTAS E MARINAS...ESTARIA TAMBÉM, A SEXUALIDADE NO APOGEU DA FAMA?

Drn. Benícia Oliveira da Silva*

Resumo

Justin Bieber, Anitta e Marina Ruy Barbosa são figurinhas corriqueiras na mídia e principalmente nas capas das revistas teens. O primeiro é um cantor pop, mundialmente conhecido por ter hipnotizado milhares de fãs nos embalos de "Baby, baby, baby. Oooh". A segunda, também cantora, estourou com o funk "Show das Poderosas". E Marina é atriz, conhecida por seus longos cabelos ruivos e seu comportamento discreto e recatado, inclusive - ou ainda mais - quando o assunto é o seu namoro com o também ator Klebber Toledo.

Seus trabalhos como cantor/a e atriz foi o que o/as colocaram na mídia; no entanto, não apenas suas músicas ou atuações estão no foco dos paparazzi; suas sexualidades - seus corpos, seus namoros, seus desejos, suas intimidades - muitas vezes geram mais ibope que suas profissões.

Eu não acho que você deve ter relações sexuais com alguém a não ser que você o ame. Eu acho que você deve apenas esperar a pessoa certa e que você esteja amando. (JUSTIN BIEBER)

Para Rosa Fischer (2001, p. 588), "a mídia é um lugar privilegiado de criação, reforço e circulação de sentidos, que operam na formação de identidades individuais e sociais, bem como na produção social de inclusões, exclusões e diferenças". Deste modo, ao questionar, analisar e publicar as sexualidades destas e de outras celebridades que são referências de beleza e comportamento para milhares de adolescentes, a mídia produz e divulga significados acerca das sexualidades adolescentes, instituindo "verdades" sobre os modos como os jovens devem viver as suas.

*Doutoranda do PPG Educação em Ciências (FURG)

E hoje, quais são as "verdades" acerca das sexualidades adolescentes? Muitas respostas podem ser levantadas - "Meninas ficam com meninas para excitar os meninos", "Agora é moda ser gay", "Antigamente as meninas não eram tão vulgares" – mas, talvez, a afirmativa que tem sido ecoada com mais frequência nas escolas, nas mídias, nas famílias e em diversas instâncias, é que a adolescência está hipersexualizada.

(Perder a virgindade) Tem que ser com a pessoa certa, com alguém em que você confie e que seja legal com você. Cada um sabe sua hora. É uma coisa que não banalizo. Acho feio banalizar, acho que perde a graça [...] Por ser mais velho, o Klebber não tem tanta pressa de tudo, já viveu, já fez, já conheceu. Nunca dormi fora e o Klebber nunca dormiu na minha casa. (MARINA RUY BARBOSA)

Para fazermos esta discussão, é interessante pensarmos que o prefixo hiper infere o sentido de excesso. E então, o que seria um excesso de sexualidade? Falar demais sobre sexo? Exposição dos corpos em excesso? Meninos e meninas namorando demais? Adolescentes trocando de parceiros como t r o c a m d e roupas? Meninos beijando meninos e meninas beijando meninas no pátio da escola? Muitos meninos gays e muitas meninas lésbicas?

O fato é que, desde o fim do século XVII, segundo o filósofo Michel Foucault, o sexo foi colocado em discurso, havendo uma explosão discursiva "em torno e a propósito do sexo" (2007, p. 23). Segundo o autor, "o sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir da nossa espécie, nossa "verdade" de sujeito humano" (Ibid., p. 229). Dessa forma, a partir de discursos de "verdade" sobre os sexos dos sujeitos, a sexualidade tem sido regulada e normalizada.

Às vezes convido um peguete para assistir ao meu show. Aí chego em casa morrendo de cansaço e faço pose de boneca inflável, fico toda parada. Mas, depois, dou aquela acordada e vai. (ANITTA)

Desde o século XIX, no ocidente, instituiu-se uma ciência sexual - *scientia sexualis* (FOUCAULT, 2007) - a partir da qual buscou-se, e ainda se busca, a produção de saberes que instituassem as "verdadeiras" formas de se viver as sexualidades, visando controlar o corpo e o sexo dos homens e das mulheres.

A ciência sexual tem o sexo como o objeto de conhecimento e, é em torno dele que diferentes áreas - Medicina, Psicologia, Psiquiatria, Filosofia, Sociologia - produzem saberes e discursos que, devido a suas científicidades, são considerados legítimos e instituem o que é

ou não "normal".

Embora muitos anos tenham se passado após a emergência da *scientia sexualis*, ainda hoje os saberes ditos científicos norteiam os parâmetros da "normalidade" e, tendo em vista a realidade em que vivemos - luta pela criminalização da homofobia, cotas para negros e índios, lei Maria da Penha - os padrões instituídos pela norma são os da heterossexualidade, da raça branca, do binarismo homem versus mulher. Assim, ao menor sinal de que a norma seja colocada sob suspeita, os impasses passam a ser fundados. Neste texto, estamos pensando sobre o fenômeno da hipersexualidade, que hoje tem sido considerado um impasse, pois acredita-se que a tempos atrás não se falava em sexo ou sexualidade, ou talvez, sim, mas nem tanto como falamos atualmente. Este tipo de colocação é comum, quando nos pegamos em momentos saudosistas como "hoje as crianças não têm infância", "na minha época isso não existia", "no meu tempo isso era uma pouca vergonha". Concordo que o passado pode nos trazer boas lembranças, no entanto não estamos analisando nossas próprias vidas. Estamos analisando uma sociedade, constituída por questões históricas e culturais. Deste modo, as crianças de hoje têm infância, sim, mas é diferente da que nós tivemos vinte, trinta, quarenta anos atrás.

Assim como as infâncias, pensemos também as adolescências. Os/As adolescentes de hoje são diferentes dos/as de ontem, pois vivem em outro tempo, com outros recursos, são interpelados por outros discursos. Pensemos também nos/as adolescentes de outras sociedades, de outros países. Eles/as também são adolescentes atuais, no entanto vivem suas adolescências em outros contextos, portanto, as vivem de formas diferentes dos/as adolescentes que conhecemos.

A pesquisadora Raquel Quadrado, entende a adolescência como uma construção que se dá a partir dos discursos de diversos campos – Biologia, Psicologia, Sociologia, História, Antropologia, entre outros – e de diversas pedagogias culturais – programas de TV, jornais, revistas, músicas, propagandas, filmes, festas, etc. – que, ao representarem a adolescência, estão indo além de dizer ou mostrar o que é ser adolescente, estão ativamente produzindo essa etapa da vida e atuando, também, na produção de identidades.

Arelado às questões do "excesso", está o acontecimento dito como o "aflorar" da sexualidade adolescente. Este entendimento é sustentado por concepções que se respaldam

numa compreensão de que a adolescência e a sexualidade são parte "da natureza humana" e uma "etapa natural" inerente ao desenvolvimento de qualquer sujeito. Pressupor que a sexualidade é algo que simplesmente vem à tona, porque na adolescência os hormônios estão "à flor da pele", restringe-a como algo unicamente biológico, ignorando as histórias e as vivências que interpelaram os sujeitos e que de diferentes formas constituem suas adolescências.

Entender as adolescências e as sexualidades como questões históricas, possibilita-nos colocarmos o prefixo hiper sob suspeita. Pois, o que hoje colocamos como um exagero, talvez até o seja se apenas buscarmos comparações de um tempo no qual já não vivemos mais. Porém, o tempo presente não pode ser pensado pontualmente, mas como parte de um processo e, sob este viés, a hipótese do exagero será refugada e veremos que não foi da noite para o dia que o tema e as questões acerca da sexualidade adolescente emergiram.

A análise histórica da temática sexualidade possibilita-nos compreender o porquê, ainda hoje, este tema está fortemente atrelada ao ato sexual. Devido às questões que deram margem à imersão do tema sexualidade estarem ligadas às relações sexuais e os saberes produzidos acerca do tema serem respaldados por discursos científicos e biologicistas, frequentemente o conceito de sexualidade é diretamente associado ao ato e à prática sexual. Não que a sexualidade não envolva estas questões, porém, o cuidado deve ser tomado para que a sexualidade não seja restritamente compreendida em termos de genitálias, hormônios e reprodução. Quando falamos sobre sexualidade, estamos falando de corpos, relações afetivas, relações sexuais, sensações, desejos, anseios, curiosidades, dúvidas...

A partir dos entrelaçamentos aqui abordados, penso que não é mais possível colocarmos o entendimento de hipersexualidade como sinônimo de "uso exagerado do sexo" ou como "falar excessivamente em sexualidade", mas sim como uma (hiper)emergência de colocarmos o tema sexualidade na pauta do dia, pressupondo que a visão que temos de uma suposta hipersexualização adolescente seja apenas a leitura que fazemos para o modo como os jovens expressam suas vontades de ser e estar no mundo, além de suas necessidades de falarem sobre dúvidas, anseios, medos e desejos.

Assim como as famas de Justin Bieber, Marina Ruy Barbosa e Anitta, percebemos que a "fama" acerca do suposto excesso da sexualidade adolescente não passa de uma construção histórica. Não sabemos o quanto esse "excesso" irá durar, nem quais serão as (hiper)problemáticas de amanhã; no entanto, precisamos compreender que tudo é provisório e

que qualquer análise deve levar em consideração as questões históricas e culturais do contexto que se observa.

Referências

BIEBER, Mundo. **Notícia:** Justin Bieber fala sobre namoro, relações sexuais e muito mais para à revista Rolling Stone. Disponível em: <http://mundobieber.wordpress.com/2012/07/19/noticia-justin-bieber-falasobre-namoro-relacoes-sexuais-e-muito-mais-para-a-revista-rolling-stone/>. Acesso em: 15 de julho de 2013.

BLOG, Na ponta da língua. Marina Ruy Barbosa fala sobre virgindade e afirma que namorado não tem tanta pressa. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/napontadalingua/2013/06/05/marina-ruy-barbosafala-sobre-vingindade-e-afirma-que-namorado-nao-tem-tanta-pressa/>. Acesso em: 17 de julho de 2013.

EXTRA. **Anitta diz que não abre mão de preliminares na hora do sexo e fala sobre ficar com mulheres:** "Nunca digo nunca". Disponível em: <http://extra.globo.com/famosos/anitta-diz-que-nao-abre-mao-depreliminares-na-hora-do-sexo-fala-sobre-ficar-com-mulheres-nunca-digonunca-8971760.html>. Acesso em: 17 de julho de 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso:** mídia e produção de subjetividade. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 297 p. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

_____. **Mídia e educação da mulher:** uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, UFSC, v. 9, nº 2, 2001, p. 586-599.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1:** a vontade de saber. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. 176 p.

QUADRADO, Raquel Pereira. **Adolescentes:** Corpos inscritos pelo gênero e pela cultura de consumo. 2006. 129 p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2006.